

PLANETA

Editor-chefe de Publicações: Ilan Kow Editor-executivo: Luiz Américo Camargo Editor: Sergio Pompeu
 Editora-assistente: Carolina Stanisci Diretor de arte: Fabio Sales Edição de arte: Andrea Pahim Reportagem: Andrei Netto, Herton Escobar e Karina Ninni Capa: Paula Gama Tratamento de imagens: Alexandre Godinho, Carla Monfilier, Fernando Correa, Maurício Braga e Fabiano de Vito

ENTREVISTA

Bjorn Lomborg

'Eu não mudei de ideia', diz ex-cético Lomborg

Cientista recua da tese de que mudança climática não deve ser prioridade, mas mantém crítica à redução das emissões e aponta tecnologia como saída

Karina Ninni
 ESPECIAL PARA O ESTADO

O cientista político dinamarquês Bjorn Lomborg ficou famoso dez anos atrás ao publicar *O Ambientalista Cético*. No best seller, acusava ONGs de manipular dados para que governos investissem pesado no combate às mudanças climáticas. O termo cético virou moda, mas Lomborg recuou. Em *Smart Solutions to Climate Change (Soluções Inteligentes para as Mudanças Climáticas)*, elege o tema como prioritário. Ressalta, porém, que a solução não está no corte de emissões de carbono. Nesta entrevista ele fala do livro, já levado às telas – o filme estreou este mês no Canadá.

● **Por que o senhor mudou de ideia?**

Eu não mudei de ideia! Desde o primeiro livro digo que as mudanças climáticas existem e são importantes. Mas, nestes primeiros anos de discussão, a solução mais aclamada foi a redução das emissões de carbono, forma tremendamente ineficiente de resolver o problema. Disse isso antes e confirmo no novo livro, chancelado por 28 dos

QUEM É

Professor da Copenhague Business School

Cientista político se notabilizou pela crítica à política de cortar emissões

* **Organizador do Consenso de Copenhague, projeto que reúne alguns dos maiores economistas do mundo para pensar soluções para os grandes desafios do mundo. Autor dos livros *O Ambientalista Cético* (2007), *Cool It* (2008) e *Smart Solutions to Climate Change* (2010).**

maiores economistas do mundo que lidam com a questão.

● **Então, o que mudou?**

O que digo no novo livro é que deveria haver um aumento significativo no investimento em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias de "energia limpa". É verdade que não disse isso no primeiro livro, porque a possibilidade não estava em discussão. E mais interessante é ver que agora temos a confirmação, por alguns dos maiores economistas do mundo, de que esse é um dos melhores caminhos para lutar contra o aquecimento.

● **Por que o corte de emissões é ineficiente?**

Se você olhar pelo lado político, vai perceber que estamos tentando cortar emissões desde a Conferência do Rio, em 1992. Não conseguimos. Do ponto de vista econômico, não é menos trágico: mesmo que conseguíssemos cortar emissões, estaríamos fazendo esse sacrifício para conseguir um benefício muito pequeno a um custo altíssimo. O único compromisso de corte de emissões em larga escala foi feito pela União Europeia, que prometeu redução de 20% até 2020. Mesmo que a UE consiga, os modelos econômicos mostram que o custo seria de US\$ 250 bilhões ao ano. E qual o efeito disso? Ao final do século, teríamos reduzido a temperatura em apenas 0,05 grau. Para cada dólar gasto, evitaríamos só 2 centavos de prejuízo causado pelas mudanças climáticas. O fracasso de Copenhague deveria ter feito com que repensássemos esse modelo.

● **O sr. propõe no novo livro um imposto sobre emissões.**

O CO₂ é um problema quando emitido, provoca danos. O economista Richard Tall calculou esses danos em US\$ 7 por tonelada emitida. Se você taxar em US\$ 7 cada tonelada extra, terá



YURIKO NAKAO/REUTERS

Acesso. 'Se a tecnologia da energia solar fosse barata, todos iriam querer mudar de matriz'

uma receita maior do que aqueles US\$ 250 bilhões ao ano para lutar contra efeitos do aquecimento. Agora, não há taxa no mundo que vá fazer as pessoas pararem de consumir combustível fóssil. Podem até consumir menos, mas vão continuar. A taxa sozinha não resolve. O mesmo vale para o mercado de carbono. Pode ajudar a reduzir, mas não será a parte mais eficiente da solução. Como fazer para reduzir em 80%? Com in-

LOMBORG.COM/DIVULGAÇÃO



vestimento em tecnologia! Estamos colocando o carro na frente dos bois: pedindo às pessoas que cortem emissões sem lhes dar ferramentas para isso.

● **Qual é a sua sugestão?**

Em vez de gastar tentando cortar emissões, deveríamos investir pesado para baratear tecnologias de geração de energia solar, eólica e outras. Aí, todo mundo iria querer trocar de matriz energética. Tornar o petróleo caro para coibir o uso é politicamente complicado. Mas tornar energias verdes baratas a ponto de todo mundo querer usá-las é possível e mais barato que reduzir emissões. Para cada dólar gasto em pesquisa evitamos US\$ 11 de prejuízos causados por mudanças climáticas.

● **Parece que muitas tragédias ambientais são interpretadas co-**

mo resultado de mudanças climáticas. Há exagero?

O aquecimento tem efeitos cruéis, mas creio que às vezes exageramos perigosamente na interpretação deles. O perigo de exagerar é que nos faz esquecer o que devemos fazer: melhorar a infraestrutura para lidar com catástrofes, por exemplo. Do outro lado, há a questão do medo: se você assusta as pessoas, chama sua atenção. Mas aí terá de assustá-las cada vez mais para ter atenção. E corre o risco de que deixem de acreditar em você.

● **Qual seria a melhor abordagem para conscientizá-las?**

Temos de ser honestos, porque estamos falando aqui dos próximos 90 anos. Você não pode amedrontar as pessoas por todo esse tempo.

FOTOSSÍNTESE

DEPARTAMENTO DE MEIO AMBIENTE E CONSERVAÇÃO DA NOVA ZELÂNDIA/DIVULGAÇÃO



Nova Zelândia. Uma das 80 baleias-piloto que encalharam na praia de Spirits Bay em setembro; país é rota dos cetáceos que vão à Antártida em busca de águas mais frias

Guia



Reciclado, óleo de cozinha deixa de ser vilão ambiental

talvez você não saiba, mas o óleo que você descarta no ralo da pia da cozinha ou no vaso sanitário tem um efeito devastador para o meio ambiente. Por mês, mais de 200 milhões de litros de óleo usado vão para os rios e lagos do País. "No Brasil, são produzidos por ano 3 bilhões de litros de óleos vegetais", diz Levi Torres, coordenador de projetos da Associação Brasileira de Coleta e Reciclagem de Resíduos de Óleo Comestível (Ecóleo). Somente 7 milhões de litros de óleo usado são recolhidos por mês. O Estado de São Paulo é responsável pela coleta mensal de 1,8 milhão de litros, um terço do total no Brasil.

1 Não jogue no ralo

Estima-se que uma família descarte 1,5 litro de óleo de cozinha por mês. O primeiro passo é não jogar o óleo que você usa na cozinha pelo ralo da pia. Ele deve ser primeiro resfriado e depois guardado para a reciclagem. Para guardá-lo, use um recipiente plástico com tampa. No dia a dia, vá acrescentando o resíduo de óleo ou gordura de frituras. O ideal é não reutilizar o óleo.

2 Sem dor de estômago

Se o resíduo for necessário, observe se aparecem espuma e fumaça durante a fritura. A cor escura do óleo e do alimento frito, o odor e sabor não característicos são sinais de que é hora de comprar um novo. Reutilizar o óleo pode causar diarreia e outros problemas de saúde.

3 Em casa

Em condomínios como o do zelador Carlos Silva (foto à esq.), na zona sul de SP, há um sistema de coleta em parceria com cooperativas que recolhem o material. Caso seu edifício não tenha uma parceria do tipo, leve o óleo guardado a um ecoponto ou local de coleta. Veja no site da Ecóleo (www.ecoleo.org.br) os que ficam mais perto de sua casa.

3 Fora de casa

Restaurantes e lanchonetes, que utilizam volumes significativos do produto, devem entrar em contato com empresas ou entidades licenciadas pelo órgão competente da área ambiental da cidade e descartar o óleo em uma bomba, cuja capacidade varia entre 50, 100 e 200 litros.

5 Cooperativas

Diversas cooperativas estão cadastradas para receber o óleo usado e fazer a primeira etapa do beneficiamento. Consiste em uma filtragem para tirar os resíduos sólidos do material. O óleo é filtrado diversas vezes. Quando provém de residências, tem melhor qualidade do que quando vem de restaurantes.

6 Nas empresas

O material é encaminhado a uma empresa que vai utilizá-lo para obtenção de outro produto. Primeiro, ele é novamente filtrado, depois é processado de forma a reduzir sua acidez e umidade. Isso porque a água oriunda dos alimentos produz alterações hidrolíticas – quebra ou mudança de uma substância pela ação da molécula de água.

7 Mil e uma utilidades

Entre os produtos que podem ser feitos a partir de óleo reciclado estão biodiesel, massa de vidro, sabão, graxas, lubrificantes, ração animal, tintas, vernizes, fertilizantes, acendedores de churrasqueira (como o da foto ao lado) e massa asfáltica.

8 Biocombustível

Mais de 50% do óleo recolhido no Brasil vai para a produção de biodiesel. Só a Petrobrás Biocombustível fica com 10% de tudo o que se recicla. A fabricação de ração animal, massa de vidro e saponáceos aparece logo atrás, nesta ordem. Hoje o óleo é o maior poluidor de águas das regiões mais populosas do Brasil.